

Homem de muitas habilidades, mas sobretudo poeta, ele completa 90 anos com a alegria dos bons tempos

Menotti não quer ser príncipe

PEDRO DEL PICCHIA

"Que geração fabulosa, a nossa" — é a frase que Menotti del Picchia repetirá com entusiasmo juvenil várias vezes ao longo da viva conversa mantida numa tarde de sol e calor, com "esse outro del Picchia que anda aparecendo nos jornais ultimamente", Oswald de Andrade, Plínio Salgado, Villa-Lobos, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Brecheret, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, são nomes invocados a cada instante, com paixão, pelo nonagenário que, sem modéstia, se diz pai do Modernismo, no Brasil.

"Tudo começou — são palavras de Menotti — quando uma moça chamada Daise, que inextremis tornou-se, mais tarde, esposa de Oswald, pediu a este para me conhecer, porque lera o 'Juca Mulato' e gostara muito. No dia em que a fui visitar disse a Oswald: 'Vamos lançar um movimento que rompa a barreira com o arcaico, na literatura e nas artes. Fomos então procurar Mário de Andrade, que encontramos em seu escritório, com aqueles pés que não acabavam mais. Conversamos, planejamos. E assim surgiu a revolução'".

Para Menotti, que não se furta à loquacidade, mesmo porque tem certa dificuldade em escutar — "também estes meus ouvidos vêm trabalhando com eficiência há 90 anos" —, o poema 'Juca Mulato' "é um dos três pilares do Modernismo, ao lado de 'Os Serões', de Euclides da Cunha, e da história do 'Jeca Tatu', de Monteiro Lobato". Mas as referências auto-elogiosas não correspondem à expectativa de homenagens exteriores. O poeta quer "paz, sombra e água fresca", muito interessado em manter sua privacidade.

"Pouco me importa ser Príncipe", é o comentário único que faz sobre a decisão da Academia Brasileira de Letras em conceder-lhe o título de Príncipe dos Poetas Brasileiros.

Afagando carinhosamente a cachorrinha — "que come bolachas de leite com a solenidade de quem recebe a hósta" — Menotti del Picchia, num dos raros momentos de nostalgia em três horas de conversação, reclama do "silêncio intelectual interior" que as vezes o assedia. E comenta, com talento de poeta: "É triste quando começamos a sentir saudade de nós mesmos".

Mas as horas passadas com Menotti, por conta de seu infatigável vigor físico, da criatividade do artista e da vocação do homem público mantida intacta, não se transformam nunca em exercício de comisseração ante a velhice. Ao contrário, são momentos em que se sucedem picos de humor, como quando recorda o susto das freiras que foram visitar o falecido deputado Cunha Bueno, na Capital Federal, e por engano entraram no apartamento vizinho, de Ulisses Guimarães, encontrando o semir: "Precisava ver o espanto ante aquela figura comprida, com cara de cavaleiro andante", recorda ele às gargalhadas.

Duas vezes deputado estadual, três vezes federal, pelo PTB, é com sorriso malicioso que recorda os sarcásticos versinhos, cuja autoria lhe foi atribuída, sobre um seu colega parlamentar, embora até hoje ele a negue. "Há quem diga que ela dá/ é possível que ela dê/ mas fulana é deputada/ sem o 'da' e sem o 'de', dizia a prova.

Porém a política não é preocupação exclusiva da vela humorística do artista. É também tema para considerações sérias, do tipo: "O nosso Presidente disse que queria fazer do Brasil aquela democracia que seu pai lhe ensinou. Se é a que está aí, o general Euclides Figueiredo seria mau professor e nisto eu não acredito." Ou ainda: "A Ordem do Ipiranga, uma condecoração da qual me orgulhava, está sendo vulgarizada com finalidades políticas", afirma referindo-se às medalhas distribuídas em série pelo governador Paulo Maluf.

Pelas sendas da política chega à evocação do pai, Luís Del Picchia, "um garibaldino, grande artista e revolucionário, poeta, jornalista, pintor, arquiteto, construtor". "Só não sabia ganhar dinheiro", comenta sorrindo. O próprio nome Menotti, escolhido para o filho, foi homenagem ao herói libertário italiano, filho da brasileira Anita Garibaldi. A arte de Luís Del Picchia, conta o poeta, está perpetuada nos afrescos que ornamentam a cúpula da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, nos Campos Elíseos.

E vem a lembrança de Antonietta Rudge, grande amor de Menotti: "Ela era linda e foi nossa maior pianista", diz enquanto mostra o molde usado para esculpir em mármore a máscara de Antonietta, fincada na praça Portugal, a poucos metros da casa, até agora ocupada pelo artista, em que ambos viveram por décadas, desde que a pianista se separou do primeiro marido, Charles Miller, o britânico que trouxe o futebol para o Brasil e cujo retrato de criança, vestido à escocesa, ocupa lugar de honra na parede da sala. E Helena, filha de Charles e Antonietta, quem hoje administra a casa de Menotti del Picchia, controlando as horas das visitas para poupar o poeta, apesar de seus veementes e carinhosos protestos. "Menotti — diz Helena — é terrível. Não sei onde encontra tanta energia. Se não prestarmos atenção ele não pára nunca de fazer coisas e de conversar. Noutro dia veio do supermercado carregado de pesadas sacolas nas mãos." E o artista complementa para desespego daquela que lhe dedica atenção filial: "Eu não me canso nunca."

Curioso em saber coisas da Itália, onde o repórter viveu alguns anos, Menotti reconhece que foi pouco àquele país, "mas o suficiente para constatar que os nossos ancestrais foram um grande povo". Fica contente ao saber que os Del Picchia provêm todos do mesmo tronco familiar, surgido em Siena, na Toscana, por volta do século 14. E exultante ao tomar conhecimento de que hoje, provavelmente, existem mais pessoas com o sobrenome no Brasil do que na Itália.

"Viemos para o Brasil como imigrantes e aqui, com esforço, persistência e muito trabalho, em todos os campos da atividade humana, mostramos que não éramos simplesmente os 'italianinhos', da denominação com sentido pejorativo que nos era pesada de início. Conseguimos vencer. Sintome feliz e realizado", comenta com indistigável satisfação.



Ele relembra que em 1925 aderiu à corrente verde-amarelista de Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, em oposição à Antropofagia de Oswald.

Lírico, nacionalista, revolucionário

NOGUEIRA MOUTINHO

Nascido numa São Paulo que não existe, a 20 de março de 1892, Menotti del Picchia completa hoje gloriosos 90 anos. A casa em que viu a luz na antiga ladeira de São João (hoje avenida São João) deu lugar ao imenso edifício do Banco do Brasil, próximo à praça Antônio Prado. Não é apenas à metamorfose urbana que o poeta sobrevive: é também o último de seus companheiros de geração e a coincidência dos seus 90 anos com os 60 da Semana de Arte Moderna, que sem ele seguramente não teria existido, o transforma quase num mito. A passagem do tempo, porém, não o silenciou. Basta para prová-lo, que se leia o mais recente de seus poemas, "O Voo":

Goza a euforia do vôo do anjo perdido em ti: / Não indagues se nossas estradas, tempo e vento, desabam no abismo. / Que sabes tu do fim? / Se temes que teu mistério seja uma noite, encha-o de estrelas. / Conserva a ilusão de que teu vôo te leva sempre mais para o alto. / No deslumbramento da ascensão / se pressentires que amanhã estarás mudo / esgota, como um pássaro, as canções que tens na garganta. / Canta. Canta para conservar a ilusão de festa e de vitória. / Talvez as canções adormeçam as feras / que esperam devorar o pássaro. / Desde que nasceste não és mais que um vôo no tempo. / Rumo do céu? / Que importa a rota. / Voa e canta enquanto resistirem as asas."

Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Oswald de Andrade, Antônio de Alcântara Machado, Manuel Bandeira, Plínio Salgado, Candido Mota Filho, todos companheiros seus na aventura modernista, paulatinamente desertaram o proselício, só restou o poeta de "Chuva de Pedra", o poeta de "Juca Mulato". Para bem entender-se o significado dele em nossa literatura é preciso compreendê-lo como uma espécie de ponte entre o passado tardoromântico e o emergir do Modernismo, entre a popularidade e o elitismo, entre o nascente nacionalismo e a inevitável europeização determinada pelas tendências estéticas importadas. O jovem panfletário que a 9 de dezembro de 1920 publicava no "Correio Paulistano", sob o pseudônimo de Helios, o artigo "Futurismo", deflagrando os postulados de Marinetti, era o mesmo jovem poeta que em 1917 havia escrito "Juca Mulato", poema regionalista e nacionalista que pouco tinha a ver com a nova estética da

velocidade mas que, sucessivamente reeditado até hoje (40 edições em 60 anos) confere a seu autor o privilégio de ser um dos líricos mais lidos e amados no Brasil. Definitivamente incorporado à mitografia literária, seu personagem, "caboclo rude, alma cheia de abrolhos", ganhou existência autônoma, "surgido do chão, da terra-mãe pura e casta, como nascem de um prodígio as criaturas mitológicas". A frase é do próprio Menotti, na "Longa Viagem", volume de leitura indispensável ao conhecimento de nossa "belle époque" crepuscular.

No "Juca Mulato", diz Paulo Rónai — principal estudioso de Menotti —, "o que impressiona é a magia verbal de inspiração tão genuína". E José Montello: "Como símbolo de nossa gente, Juca Mulato está ao lado do Jeca Tatu de Monteiro Lobato e do Macunaima de Mário de Andrade." E estará por mais de um motivo, já que seu criador efetivamente representa o traço-de-união entre o regionalismo lobatiano e a visão cósmica de Mário. O prestígio do personagem superou o do criador em popularidade: Juca Mulato há muito tempo é nome de praça em São Paulo. Assim, o "caso" Menotti del Picchia é dos mais desafiadores em nossa literatura. Tributário do passado no livro que o imortaliza, danunziano nas raízes, marinettiano pelo instinto revolucionário, arauto do Futurismo e um dos motores da Semana de Arte Moderna, o fundo caráter romântico dele o situa numa chave inclassificável e incômoda. Seria impossível escrever a história do Modernismo (basta que se consulte a obra fundamental de Mário da Silva Brito) sem referência de primeira linha a Menotti, pois é impossível não reconhecer nele, ao lado de Oswald de Andrade e Di Cavalcanti, um dos corifeus do movimento. Se ele se afastou posteriormente da linha mestra da ruptura formal, acantonando-se numa retaguarda já irreconciliável com as verdades que o Modernismo radical trilhou, nem por isso deixa de ser uma figura-chave, figura que talvez ainda guarde a descodificação definitiva da crítica.

Exceptuando-se Plínio Salgado, foi Menotti, de todos os companheiros de geração, o único a lançar-se na atividade política, cumprindo mandatos de deputado estadual e federal, emigrando do velho PRP ao Getulismo, dirigindo em São Paulo o Departamento de Imprensa e Propaganda, exercendo um tabelionato, apoiando o trabalho de Var-

gas, ocupando uma das diretorias do Museu de Arte de São Paulo, elegendando-se à Academia Paulista e à Academia Brasileira, militando, enfim, ativamente na vida oficial e na vida pública com a garra dos verdadeiros "condottieri". Só a idade foi capaz de arredá-lo da coisa pública. Nestes últimos anos, solitário, cultivando suas reminiscências na ensombrada residência da alameda Gabriel Monteiro da Silva, Menotti se impôs espontaneamente o ostracismo, ao qual não é estranha certamente a perda da companhia de toda uma existência, a grande Antonietta Rudge, admirável pianista, cujos traços foram por ele perpetuados na cabeça de mármore que esculpiu, uma das mais altas obras de sua vocação plástica. Ficcionista, ensaísta, teatrólogo, escultor, memorialista, pintor, músico, o poeta Menotti del Picchia tem, como bem acentua Miguel Reale, alguma coisa de homem do Renascimento, fato que não podia deixar de suscitar polêmicas e controvérsias.

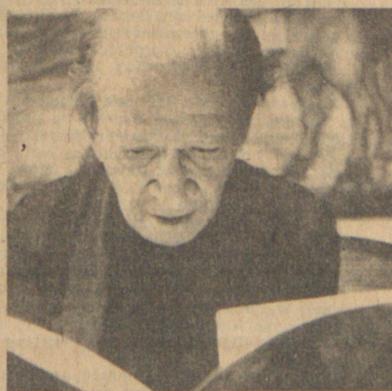
A presença dele na literatura pode datar-se a partir de 1913, quando, aos 21 anos, acadêmico de Direito, publica os "Poemas do Vício e da Virtude", coletânea de nítido teor parnasiano. Se a carreira literária se inicia na surdina, é triunfalmente que, em 1917, editado na humilde Itabora, onde advogava, o "Juca Mulato" o transforma em nome nacional, cantor "do gênio triste da nossa raça e da nossa gente". Consagrado na segunda edição, 1919, com prefácio de Júlio Dantas, a avassaladora influência do poema dá ao poeta o que Mário de Andrade chamaria de "formidável popularidade", aguçando, paradoxalmente, "uma certa indiferença da parte dos nossos intelectuais". E prossegue o mestre do "Empalhador de Passarinho": "Não creio haja Menotti del Picchia sacrificado os seus dons extraordinários de escritor em proveito de uma baixa popularidade. Menotti del Picchia, como artista, pode atingir até o requinte, se quiser; mas as suas disposições naturais, as suas tendências mais fortes e características, e seu brilho, a sua eloquência, a sua impressionante e tão atual coragem pra acreditar em suas próprias verdades, o seu apaixonado desprezo pela unidade evolutiva do espírito, fazem dele o escritor popular por excelência, o escritor que o público gosta de ler pra se convencer das possibilidades do progresso e da grandeza, o escritor que deslumbra e convence o grande público. É possível que esta brutal ausência de silêncios que Menotti del Picchia consegue em torno de sua personalidade cause alguma espécie aos que, com igual sinceridade artística, preferem outras formas mais guardadas de ser: isso não destrói, porém, as qualidades do escritor nem a importância da sua contribuição para a literatura brasileira."

Foi no famoso banquete oferecido no Trianon a 9 de janeiro de 1921, em homenagem a Menotti, pelo lançamento de "Máscaras", que Oswald de Andrade, em discurso de saudação, oficializou, por assim dizer, o aparecimento do Modernismo. Em fevereiro do ano seguinte, a Semana tinha Menotti na linha de frente da batalha, lado a lado com Mário e Oswald, Guilherme e Tácito de Almeida, Ronald de Carvalho, Renato Almeida, Anita Malfatti, Villa-Lobos, Di Cavalcanti. Sua presença no grupo foi realmente constante desde a primeira hora. O cronista Helios no velho "Correio Paulistano" sustentava o fogo, e já em 1920, juntamente com Oswald, Menotti descobrira, num ateliê improvisado no Palácio das Indústrias, o grande Victor Brecheret, sagrado desde logo escultor oficial do Modernismo. Nas hostes renovadoras, porém, a diversidade dos temperamentos, a radicalização inevitável das tendências estéticas não tardaram em gerar rupturas e dissidências. Em 1925, ano de "Chuva de Pedra", seu livro de poemas modernistas mais importante, Menotti del Picchia adere à corrente verde-amarelista de Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Candido Mota Filho, frontalmente oposta ao Grupo Pau-Brasil e Antropofágico, de Oswald e Tarsila. Mais tarde, em 1927, aqueles mesmos escritores criam o grupo da "Anta". Passada a fase heróica e terrorista dos anos 20, Menotti, que sempre defendera a necessidade da ação política paralela à estética, deriva decisivamente à vida pública, assumindo a tribuna parlamentar e redigindo escritos ideológicos. Não abandona, porém, a literatura: "Salomé", o mais importante de seus romances, é de 1940. Esse livro interessa particularmente aos estudiosos da coisa literária, contém insubstituível depoimento sobre os pródromos do Modernismo, através de relatos da vida paulistana. A vela memorialística vai perpetuar-se de forma brilhantíssima nos dois volumes da "Longa Viagem", em que se revela delicioso evocador do passado, sensível e epigramático narrador de época fértil em lances imprevisíveis e decisivos em nossa evolução social e literária.

'Em arte não admito pressão externa'

Aos 85 anos, prestando ao poeta Antônio Rangel Bandeira depoimento que vale por fiel auto-retrato, Menotti afirmava que os cabelos louros ainda lhe superavam os brancos, excelente metáfora da perene juventude que nele vem magicamente doando a crueldade do envelhecimento. E prosseguiu com emoção e verve:

"Calço sapatos número 40. Uso colarinho 38. Tenho 1,71 m de altura e peso 56 quilos. Nunca tive problemas sérios com a saúde. Guio meu carro e leio sem óculos, com facilidade. Como bem, moderadamente. Tomo sempre antes das refeições um copinho (pouco maior do que um dedal) de uísque, às vezes bebo vinho. Não tenho prato preferido, mas gosto de queijo Ementhal. Acordo às 6 da manhã e deito às 10 da noite. A maior emoção de minha vida foi quando da trasladação, para o Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, numa noite de 21 de abril (Dia de Tiradentes), das cinzas de Maria Dorotéa de Seixas e de Tomás Antônio Gonzaga (Marília e Dirceu), ao pronunciar o discurso oficial da solenidade. Considero-me uma espécie de padrinho de casamento dos noivos mortos, cujos esponsais ali se realizavam. Não alimento ódios nem invejas, acho a vida maravilhosa. A polêmica e a contradição fazem parte dela. Não tenho fé religiosa determinada, mas admito que minhas indagações sobre a origem da vida e do mundo já têm um conteúdo religioso. Sou membro da Academia Paulista e da Academia Brasileira, ambas de Letras. Fui deputado estadual e federal. Posso inúmeros títulos honoríficos, condecorações, medalhas comemorativas. Os maiores poetas brasileiros são Castro Alves e Carlos Drummond de Andrade. Dante é o poeta universal por excelência. Dostoevski é o maior romancista do mundo; no Brasil, Machado de Assis. Beethoven é meu compositor predileto. Villa-Lobos e Assis Chateaubriand são dois gênios brasileiros. Michelangelo é um gênio completo; em termos brasileiros Portinari é o maior. Minha mãe lia em voz alta para mim. No momento estou lendo '14 Tilsit, Paris', de Guilherme Figueiredo, na minha opinião um romance admirável. Homem de grandes amigos, entre eles destaco os paulistas Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida, Mário de An-



O poeta continua lendo e produzindo.

drade, Oswald de Andrade, Candido Mota Filho, Plínio Salgado e o mineiro Juscelino Kubitschek. Não me considero um simples nem um requintado, mas um múltiplo, com os variados pólos de minha obra literária. Nas horas vagas dedico-me à jardinagem e cultivo na avenida Brasil, onde resido, um frondoso pé de café. Escrevo a lápis e corrijo pouco, concebendo as obras antes de passá-las para o papel. Considero-me pintor amadorístico, apesar de ter quadros em museus importantes. Prefiro o dia à noite. Sei errar por mim próprio, não gosto de conselhos, nem de dá-los, mas não me furto a emitir minhas opiniões. Em matéria de arte não admito nenhuma pressão externa; a arte deve ser pessoal, independente e livre; é ela que tira o ser humano da animalidade. No entanto, espontaneamente, o artista pode colocar sua arte a serviço de uma causa social, a luta contra a miséria, por exemplo. Gosto muito de teatro, por isso escrevi quatro peças: uma na linha de Ibsen: "A Fronteira"; outra na linha bíblica: "Molsés"; outra na linha de Júlio Dantas: "Máscaras"; outra (tremenda), na linha dos gregos: "Jesus". Tenho pronta para publicar a quarta edição de "Kummunká", que agora surge com um subtítulo, "A Guerra da Paz", completamente reescrita, a ponto de poder ser considerada um novo romance."